

REVISTA DA

FONOAUDIOLOGIA

Conselho Regional de Fonoaudiologia 2ª Região Número 69 - Setembro/Outubro 2006

A close-up photograph of a man with dark hair, wearing a dark suit jacket, a white shirt, and a patterned tie. He has a wide-eyed, open-mouthed expression of surprise or excitement, with his hands raised in front of him, palms facing forward. The background is a soft, out-of-focus grey.

GAGUEIRA

tem tratamento

Conselho presta contas • Campanha divulga nossa profissão

A close-up photograph of a woman's face, focusing on her eye and mouth. The image is dark, with the woman's skin and features highlighted. Overlaid on the right side of the image is a semi-transparent dark box containing text. The text is in large, bold, sans-serif fonts. The words 'Gagueira' and 'não tem' are in red, 'graça.' is in red, 'Tem' is in yellow, and 'tratamento.' is in yellow. The background of the text box has horizontal lines.

**Gagueira
não tem
graça.
Tem
tratamento.**

*Campanha quer informar sobre o
problema, que afeta a vida de
milhares de brasileiros*

Numa cidadezinha no interior do Paraná, uma menina começou a gaguejar. Ela tinha aproximadamente quatro anos de idade. Na família, ninguém tocava no assunto. A casa era um silêncio que só se quebrava com as broncas do pai nos dias em que a pequena gaguejava além da conta. O povo da cidade repetia: "Espera que um dia passa". Mas o tempo passou, nada mudou e a garota teve que se virar. Precisava fazer várias manobras. Sentava quietinha na primeira carteira para evitar aborrecimentos com colegas de classe. Perguntas? Só depois da aula. Aos olhos do professor passava por uma excelente aluna que não dava trabalho nenhum. Como jamais ouvira nada a respeito do modo como falava, a única saída que encontrou para amenizar o problema foi parecer o mais calado possível.

Esta é história da vida da fonoaudióloga Sandra Merlo, diretora científica do IBF - Instituto Brasileiro de Fluência. Se quando menina queria passar despercebida por causa da gagueira, hoje o que mais quer é chamar a atenção de todos. E para uma boa causa. Ao lado das fonoaudiólogas Ignês Maia Ribeiro, Eliana Nigro Rocha e Daniela Verônica Zackiewicz, Sandra é uma das quatro realizadoras da segunda edição do Dia Internacional de Atenção à Gagueira no Brasil, que acontece em 22 de outubro deste ano.

Com o slogan "Gagueira não tem graça. Tem tratamento.", a Campanha informa a sociedade sobre a gravidade de um distúrbio que, em geral, é levado na brincadeira. "Minha história foi muito marcada pelo fato de eu ter crescido com um distúrbio que interferia diretamente na minha relação com as pessoas e por eu não ter tido nenhum tipo de orientação de como lidar com ele", diz. "Eu me virava, mas a um custo muito alto, tanto do ponto de vista físico, como emocional", relata Sandra, a única que apresenta gagueira entre as especialistas da

Comissão Nacional que realiza o evento.

Em 2005, a Campanha teve como foco o tratamento da gagueira e atingiu 18 estados do País. Este ano, o tema principal do debate são as causas da gagueira e sua abrangência será ainda maior.

A gagueira

"Por falta de informação, nem a própria pessoa que gagueja conhece o problema que tem. Passa a acreditar naquela idéia difundida na sociedade de que se ele se esforçar mais, ou esquecer da gagueira, deixa de gaguejar. E não é assim que funciona", explica Sandra.

Caracterizada por interrupções involuntárias e atípicas no fluxo da fala, como bloqueios, repetição e prolongamento de sílabas, a gagueira é um distúrbio da fluência que atinge cronicamente 1% da população mundial. Isto significa que há cerca de 60 milhões de pessoas no mundo que gaguejam. No Brasil, o número chega a aproximadamente um milhão e 900 mil. "Existe o estereótipo de que o gago é aquele que a gente vê na tevê. Há vários graus de gagueira. Muitas pessoas apresentam gagueira leve. Alguém que apresenta 2% de sílabas gaguejadas na fala é considerado gago", explica Daniela Verônica Zackiewicz, presidente da Abragagueira - Associação Brasileira de Gagueira.

A gagueira costuma aparecer ainda na infância, geralmente em crianças de 2 a 4 anos de idade. Para a pessoa que gagueja, a produção da fala é uma atividade que demanda muito mais esforço, porque a ligação entre sons, sílabas, palavras e frases não acontece de maneira fluente. Além disso, cada som da fala



Sandra Merlo: transformando a dificuldade em profissão.

possui um tempo usual para ser dito. O que acontece na fala gaguejada é que alguns sons são pronunciados em um tempo maior que o habitual e, em geral, com o aumento da tensão muscular necessária para a sua articulação.

Trata-se de um distúrbio presente na vida humana desde os primórdios de sua história. Traduções do Êxodo identificam a gagueira de Moisés, que era "lento de fala". O filósofo grego Aristóteles também gaguejava. Na época, acreditava-se que a gagueira era causada por uma língua de espessura muito grossa.

Ainda hoje, grande parte da sociedade acredita numa série de falsos mitos sobre a origem da gagueira. Por exemplo, ela seria provocada por um problema advindo de um susto muito grande ou seria apenas um sintoma que acompanha a fala de pessoas nervosas, desconcentradas ou ansiosas. A ansiedade até pode contribuir para o aparecimento da gagueira,

mas ela, sozinha, não pode ser considerada uma causa. Podemos observar que a pressão interna, a pressão externa e a pressão do tempo contribuem, e muito, para a manifestação da gagueira, mas esses fatores não podem ser vistos como sendo a causa. Eles podem ser analisados como elementos que interferem de maneira negativa na fluência da fala. Para quem gagueja, tais situações de pressão interferem de maneira negativa sobre a produção da fala alterando a fluência.

Mas qual será então, a causa da gagueira?

Parece não existir uma única cau-

sa. Diferentes teorias buscam justificar o problema a partir de fatores orgânicos, psicológicos e/ou sociais.

Estudos apontam que cerca de 70% dos casos seguem uma lógica hereditária. “O fator da herança genética, onde mais de um membro da família apresenta gagueira é uma hipótese muito forte”, afirma Sandra Merlo, cujo irmão também apresenta gagueira.

A especialista explica que a causa pode ser, ainda, de ordem neurofisiológica. “Na hora da fala, o cérebro não geraria as pistas internas necessárias para a pessoa continuar o resto da palavra”.

Outra hipótese é que a gagueira seja resultado de um fator social. “É



Eliana: cada paciente deve ser visto de maneira diferente.

Gagueira não tem graça

Atualmente prefiro não usar a palavra 'gago', pois considero que ela traz todo um estigma muito negativo. Prefiro usar 'pessoa que gagueja'.

Roberto Tadeu da Silva, bibliotecário

Diretor do IBF - Instituto Brasileiro de Fluência, o bibliotecário Roberto Tadeu da Silva, 36, que apresenta gagueira desde os cinco anos de idade, colabora com a Campanha do Dia Internacional de Atenção à Gagueira pelo segundo ano consecutivo. Sua contribuição vai muito além da distribuição de cartazes e folders em locais com grande circulação de pessoas. Ele dá voz a um grupo de pessoas que durante muito tempo ficou calado.

Revista da Fonoaudiologia (RF): Qual é a reação das pessoas quando percebem que você é gago?

Roberto: Há pessoas que não se incomodam, que me tratam sem nenhuma diferença. Há outras que demonstram impaciência, preconceito, que consideram engraçado, assustador. E há também as que consideram charmoso.

RF: Como foi a sua infância?

Roberto: Foi uma infância normal, com amigos e amigas da mesma idade. Brincávamos muito. Lembro que duas outras crianças falavam como eu falava, por isso achava que minha fala era normal, sem problema.

RF: Qual foi a reação de seus pais?

Roberto: Meus pais começaram a corrigir e chamar atenção para minha fala: “fala devagar, respira para falar e etc.”. Mesmo eles pensando que faziam o melhor, isto não me ajudava, ao contrário, eu ficava ainda mais preocupado.

RF: E dos professores?

Roberto: Até a 5ª série, todos os professores chamavam minha mãe para conversar. Como ninguém tinha conhecimento sobre gagueira, tentavam me tratar como os outros alunos sem considerar que, na fala e na leitura oral, eu não era igual. Tratar como igual neste aspecto era

um erro. Fazia leitura oral e seminários com muita dificuldade e sofrimento. Para responder a chamada também era muito difícil. Às vezes conseguia, outras vezes ficava com falta. Houve até uma professora que incumbiu outro aluno de responder a chamada por mim, o que também era constrangedor.

RF: Como você chegou à fonoaudiologia?

Roberto: Depois de tanto ver minha mãe procurar tratamento para mim em psicólogos, psiquiatras e neurologistas, um superior dela procurou saber, no departamento de Recursos Humanos da empresa, qual profissional tratava a gagueira. Iniciei meu primeiro tratamento com uma fonoaudióloga aos 14 anos. Acho importante ressaltar que essa profissional não era especializada em gagueira. Somente encontrei profissionais especializados em gagueira muitos anos depois, por intermédio da Abragagueira.

RF: De que forma a fonoaudiologia te ajudou?

Roberto: Na melhora da fluência e no conhecimento da gagueira e da minha fala. Nos grupos de apoio, foi muito importante ter conhecido outras pessoas que gaguejam e a possibilidade de trocar experiências com elas.

RF: Ainda existe preconceito?

Roberto: Infelizmente ainda há muito preconceito. Muito mesmo. Por exemplo, para nós as dificuldades no mercado de trabalho são maiores.

RF: De que forma isso pode mudar?

Roberto: Acredito que disseminando informação sobre as origens e possibilidades de tratamentos para a gagueira. Isso deve começar nos cursos de fonoaudiologia, com o aumento da carga horária sobre Fluência e seus distúrbios.

a idéia de que o distúrbio aparece num ambiente em que as pessoas cobram da criança uma fala fluente. Na tentativa de falar bem, a criança tenta controlar a fala e gagueja", diz.

Uma outra corrente é a que diz que a gagueira seria causada pelo fator psicológico: "o caso de uma criança que viveu uma experiência dolorosa e não conseguiu superá-la. A experiência é recalçada, mas volta como gagueira", explica.

Correntes científicas nacionais e internacionais aceitam que a gagueira seja de origem multifatorial. Nesta visão, acredita-se que a pessoa que gagueja possua uma base orgânica predisponente, que se ma-

nifestaria a partir da interferência de fatores psicológicos e emocionais.

Desde 1983, Eliana Nigro Rocha atende quadros de gagueira no Hospital Público do Servidor Estadual de São Paulo. "Eu trabalho com uma linha psicomotora, que relaciona o corpo com a fala. Mas cada paciente tem que ser visto de uma maneira diferente. Tenho que avaliar se aquele indivíduo tem o componente genético, analisar o ambiente em que ele vive e a percepção do que faz enquanto fala. Todo paciente merece uma nova pesquisa individual".

Um jovem paciente de Eliana, que preferiu ser identificado como

A.P.H., conta que tomou consciência da gagueira aos onze anos de idade, quando começou a sentir incômodo com as leituras em voz alta na sala de aula. "A leitura seguia a ordem dos lugares. A fileira vinha vindo e a minha orelha ia ficando vermelha, ardendo de tanto nervoso. Eu ficava envergonhado, menos pelos outros e mais comigo mesmo. Queria expressar aquilo que eu estava pensando e não conseguia".

A fonoaudióloga de A.P.H. explica o quanto esse processo pode ser perturbador para a pessoa que apresenta gagueira. "Uma série de sentimentos negativos podem ser gerados com relação à fala. Imagine que você vai falar com alguém e não sabe se

Também seria de importância estratégica que fonoaudiólogos especializados em gagueira atuassem em escolas públicas municipais e estaduais, de forma que pudessem diagnosticar e encaminhar a criança para tratamento o mais cedo possível.

Disseminar o conhecimento científico para a população como um todo. Um entrevistador deve conhecer as potencialidades e limitações da pessoa que gagueja. As competências profissionais de um profissional de informática ou de um bibliotecário, não pode ser medido pela fala. É preciso que saibam que as dificuldades estão especificamente ligadas às questões motoras da fala, não nas idéias, pensamentos, inteligência. As formas de entrevistas para emprego também devem ser diferenciadas. Em uma dinâmica de grupo, uma pessoa que gagueja poderá ser prejudicada.

RF: Que comportamentos da sociedade te incomodam?

Roberto: As piadas. Os meios de comunicação reforçam o estigma negativo e o preconceito. Pelo senso comum toda pessoa que gagueja é tímida, desequilibrada, insegura e nervosa. E isso não é verdade. Jorge Luis Borges, Machado de Assis, Miguel de Cervantes, Sir Winston Churchill, Charles Darwin são exemplos brilhantes de que a gagueira não é fator limitante.

RF: Qual a importância do Dia Internacional de Atenção para a Gagueira?

Roberto: É importante no sentido de disseminar para a sociedade o conhecimento sobre a gagueira, suas origens e tratamentos.

RF: Qual a importância da participação de pessoas que gaguejam na campanha?

Roberto: Acho que é importante em dois sentidos. A partir do momento que a pessoa que

gagueja aceita participar nas ações da campanha, ela trabalha a aceitação de que ela tem um problema, que esse problema não pode ser um tabu e que pode ser resolvido. A aceitação da gagueira é o primeiro passo para a sua resolução, sua remissão ou seu tratamento. Segundo, existe a possibilidade de levar o conhecimento sobre a gagueira para o núcleo familiar do participante, muitas vezes rompendo tabus como a "conspiração do silêncio", onde todos sabem, mas ninguém toca no assunto. Dessa forma, pode ocorrer uma modificação na relação da pessoa que gagueja e sua família.

RF: De que forma você participa?

Roberto: Em 2005 participei distribuindo folhetos e cartazes em escolas, hospitais e estações de metrô e igrejas. Participei do evento presencial em São Paulo, no Cefac, uma das Instituições responsáveis pela Campanha. Também trabalhei para conseguir contribuições e consegui algumas doações. Enviei mensagens pela internet à minha lista de amigos, conhecidos e profissionais. Também participei de listas de discussões via internet.

RF: Existem mais pessoas que gaguejam engajadas na campanha?

Roberto: Sim, em várias partes do Brasil, como Natal, Recife, Manaus, Ilhéus entre outros. Não são muitos ainda se compararmos com o número de pessoas que gaguejam. Essa participação está aumentando gradativamente.



RF: Como foi a experiência da campanha no ano passado?

Roberto: Foi muito boa. O fato de ter distribuído material informativo foi marcante no sentido de que, pela primeira vez, alguns colegas e amigos tiveram a oportunidade de falar sobre a gagueira comigo.

RF: Quais as expectativas para a campanha 2006?

Roberto: São as melhores. Pois existe a tendência de maior participação e melhor articulação entre profissionais e ampliação do raio de alcance da campanha. Enfim esperamos uma maior participação de todos, inclusive das pessoas que gaguejam e de seus familiares.

sua voz vai sair ou não. Dá para imaginar a dor?", pergunta Eliana.

Apesar do pai também ser uma pessoa que gagueja, A.P.H. não escapou da ansiedade da mãe, que, muitas vezes, tinha o hábito de corrigi-lo. "Ela falava 'pensa antes de falar' e eu dizia 'eu penso e não funciona! Pára de falar que você me deixa mais nervoso!'"

Corrigir é muito pior!

De acordo com Daniela Verônica Zackiewicz, o hábito de corrigir uma criança com gagueira só tende a prejudicá-la em seu desenvolvimento. Assim que os pais

perceberem rupturas, tensões e esforço em demasia na fala da criança, eles devem procurar imediatamente a assistência de um fonoaudiólogo especializado. "É ele quem vai dar os meios para que os pais possam compreender a melhor forma de se relacionarem com o distúrbio do filho".

Na opinião de A.P.H., iniciativas como o Dia Internacional da Gagueira são indispensáveis para mudar o comportamento das pessoas com relação aos gagos. "É preciso conscientizar a sociedade. As pessoas não vêem a gagueira como um problema, vêem como zombaria. Os meios de comunicação fa-

lam muito pouco sobre isso".

Para a fonoaudióloga Ignês Maia Ribeiro, presidente do Instituto Brasileiro de Fluência - IBF e professora da cadeira "Gagueira e Outros Distúrbios de Fluência" do curso de pós-graduação do Cefac - Educação e Saúde, o engajamento das pessoas que vivenciam o problema (crianças, adolescentes, adultos, familiares) é fundamental para a campanha. "Sem eles, o movimento não tem sentido e as mudanças não acontecem. As pessoas que gaguejam precisam falar de suas vivências, seus objetivos, suas expectativas e suas reivindicações. Eles precisam ser ouvidos, respeitados e compreendidos".



Roberto Tadeu e Ignês Maia: mais divulgação para o tratamento da gagueira.

A campanha em 2005

nacional, veiculado durante 45 dias, a partir do dia 20 de outubro.

- 200 acessos por dia foi a média de visitação do site da Associação Brasileira de Gagueira (www.abragagueira.org.br) e do Cefac (www.cefab.br), durante os dias da Campanha.

Os números, embora significativos, não conseguem expressar a dimensão que a campanha teve, principalmente para as pessoas que gaguejam. Nos inúmeros depoimentos e agradecimentos enviados, alguns chamaram ainda mais agudamente a atenção: pessoas com gagueira dando palestras em universidades, solicitando espaço em sala de aula para falar sobre gagueira para os colegas de classe, dando entrevistas ao vivo, entregando folhetos, divulgando a campanha no MSN, assumindo a condição de pessoa com gagueira e assumindo um papel importantíssimo de modificador da sociedade.

Foi extremamente gratificante ver como todas estas pessoas (fonoaudiólogos e pessoas que gaguejam) se empenharam em suas cidades e conseguiram atingir um número inimaginável de pessoas.

Os informes sobre a Campanha estão no site www.abragagueira.org.br/diainternacional.html e no www.cefac.br, com o objetivo de prestigiar todas as ações e pessoas que tornaram possível uma melhor qualidade de vida para as pessoas que gaguejam.

A Comissão Organizadora formada pelas fonos Ignês Maia Ribeiro, Eliana Maria Nigro Rocha, Sandra Merlo e Daniela Verônica Zackiewicz contaram com o apoio da TV Globo, que produziu uma vinheta especialmente para o evento, da Splash Publicidade, do Laboratório de Investigação Fonoaudiológica da Fluência e Processamento Motor da Fala do Curso de Fonoaudiologia da USP, da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, do Comitê Nacional de Fluência, do Internacional Stuttering Association, da Linguagem Direta Fonoaudiologia, do Hospital Israelita Albert Einstein Unidade Avançada Alphaville, da TecMac Engenharia e Construções, da Pró Fono produtos Especializados para Fonoaudiologia, da Kellogg's e da Thot Comunicação e Linguagem.

Não há dúvidas que 2005 foi um marco para a gagueira no País. Conheça alguns números:

- 16 estados brasileiros participaram ativamente da Campanha.
- 35 cidades tiveram ações em praças públicas, shoppings, locais de grande circulação, faculdades, hospitais, clínicas-escola, postos de saúde, creches e escolas com distribuição de banners, cartazes e folhetos, tendas informativas, plantão de orientação, palestras, jornadas científicas, mesas redondas com fonoaudiólogos e outros profissionais, depoimentos de pessoas com gagueira, oficinas com pacientes com gagueira, triagens em clínicas-escola e lançamentos de livros sobre gagueira.
- 43 fonoaudiólogas trabalharam como Coordenadoras Regionais da Campanha ou colaboradoras, além de alunos dos Cursos de Fonoaudiologia de diversos estados.
- 10 pessoas com gagueira envolveram-se diretamente como colaboradores.
- 12 textos foram enviados para o Fórum Online sobre as Diferentes Abordagens Fonoaudiológicas no Tratamento da Gagueira, escritos por grandes nomes da Fonoaudiologia nos estudos da gagueira.
- 84 perguntas foram enviadas para o Fórum Online, de participantes de diversas regiões do Brasil.
- 70 pessoas participaram do Fórum Presencial na Cidade de São Paulo, realizado no CEFAC no dia 22 de outubro de 2005.
- 16 entrevistas foram realizadas em rádios, jornais e televisão.
- 1 comercial de 30 segundos produzido e veiculado pela TV Globo, em rede

A campanha

A tarefa da Fga. Ignês Maia Ribeiro é mobilizar a mídia e agregar co-organizadores e colaboradores de todo o território nacional para a campanha "Gagueira não tem graça. Tem tratamento.", que será realizada durante a semana de 16 a 22 de outubro para comemorar, no dia 22, o Dia Internacional de Atenção à Gagueira. Segundo ela, a compreensão e o respeito às pessoas que gaguejam estão diretamente relacionados ao conhecimento sobre as inúmeras peculiaridades deste complexo distúrbio e à disseminação das informações na sociedade.

Saber a origem, o desenvolvimento e as possibilidades de tratamento modifica a postura diante das pessoas que gaguejam. Compreender como a gagueira afeta seus portadores é imprescindível para a mudança de comportamento da população em geral, dos familiares e dos profissionais que atuam diretamente com as crianças, adolescentes e adultos que gaguejam.

O preconceito, assim como a inabilidade no trato com a pessoa que gagueja, tem sua origem na ignorância em relação à complexidade da gagueira, no desconhecimento dos fatores manifestos e, principalmente, no profundo sofrimento que isso acarreta às pessoas que gaguejam.

A maioria das pessoas não tem idéia do sofrimento contínuo e desgastante em que a pessoa que gagueja está constantemente submetida. Desconsideram o sofrimento por não saber e "o grande objetivo da realização desta Semana é a democratização do saber", explica Ignês.

Embora não haja consenso sobre as causas da gagueira, a fono afirma que as pessoas têm o direito de saber como anda a evolução das pesquisas, assim como os profissionais especializados têm o dever de informar. "O que pretendemos, desejamos e queremos é fazer um intercâmbio entre a produção científica de ponta, o público leigo, as pessoas que gaguejam, seus familiares

da maneira mais acessível e produtiva possível".

Diversos especialistas do assunto escreverão artigos sobre as causas da gagueira especialmente para o fórum virtual da Campanha do Dia Internacional de Atenção à Gagueira. Durante toda semana do dia 16 ao dia 22, qualquer pessoa pode acessar os sites das



"O que pretendemos, desejamos e queremos é fazer um intercâmbio entre a produção científica de ponta, o público leigo, as pessoas que gaguejam, seus familiares da maneira mais acessível e produtiva possível".

Ignês Maia Ribeiro

entidades organizadoras em âmbito nacional: Cefac - Saúde e Educação (www.cefac.br), Abragagueira - Associação Brasileira de Gagueira (www.abragagueira.org.br), Hospital do Servidor Público Estadual (www.iamspe.sp.gov.br) e IBF - Instituto Brasileiro de Fluência (www.gagueira.org.br) - para enviar perguntas para os fonoaudiólogos de plantão, que esclarecerão as dúvidas do leitor. Perguntas e respostas ficarão registradas nas páginas dos sites das entidades organizadoras e poderão ser lidas por todos.

Ações conjuntas serão realizadas em grande parte do território nacional, coordenadas pelos co-organizadores regionais, que são fonoaudiólogos especializados em gagueira em suas cidades, com a colaboração de outros fonoaudiólogos, estudantes de fonoaudiologia e pessoas que gaguejam.

Toda programação nacional estará disponibilizada nos sites dos organizadores.

O evento presencial do Dia Internacional de Atenção à Gagueira da cidade de São Paulo, será realizado no CEFAC - Saúde e Educação, no dia 21 de outubro, das 9 às 15 horas e trará um circuito de palestras e depoimentos vivenciais.

Pessoas que gaguejam e pessoas que não gaguejam estarão presentes tanto nos depoimentos, quanto nas palestras sobre as causas da gagueira. "Nossa idéia é não dicotomizar e mostrar que as pessoas que gaguejam também podem ser especialistas em gagueira; da mesma forma, pessoas que não gaguejam também podem vivenciar a gagueira indiretamente, como é o caso dos pais, por exemplo", diz Sandra Merlo.

O CEFAC está localizado na Rua Cayowaá, 664, em Perdizes. A entrada é franca e as vagas são limitadas. As inscrições estão abertas e outras informações podem ser obtidas pelo telefone 11-3675-1677 ou pelo site www.cefac.br.

Gagueira na infância



Especialista dá dicas de como pais e professores devem agir no caso de crianças que gaguejam

É comum que crianças entre os 2 e os 4 anos, ainda no processo de aquisição de linguagem, apresentem comportamentos típicos da gagueira, como repetição de palavras, sílabas e sons, prolongamentos de vogais e bloqueios. Estes sintomas podem permanecer na fala por apenas alguns meses e depois sumir sem qualquer intervenção. É a chamada "remissão espontânea", que está ligada ao desenvolvimento da linguagem e não à gagueira. Contudo é importante estar alerta e acompanhar cuidadosamente esse comportamento de fala.

Se depois de seis meses não houver melhora, é possível que seja, de fato, um indicativo de gagueira. Neste caso, a fonoaudióloga Daniela Zackiewicz aconselha aos pais que procurem um especialista o mais rápido possível. "Se detectada precocemente, a criança tem

chances de superar definitivamente a gagueira".

O profissional apto para uma avaliação diferencial é o fonoaudiólogo especializado no atendimento dos Distúrbios da Fluência, com conhecimentos científicos e práticos sobre gagueira. De acordo com Daniela, a terapia visa melhorar as relações de comunicação e minimizar tanto o distúrbio quanto o sofrimento moral e interno do paciente.

Segundo a especialista, o sucesso no tratamento da gagueira infantil depende, em grande parte, do comportamento dos pais com relação à fala do filho. "Os pais devem propiciar um ambiente com condições para uma boa comunicação. Trata-se de uma questão de saber ouvir e respeitar a vez do outro falar. É um treino também para os pais".

Dicas para ajudar a criança

Em casa:

- Não complete palavras para a criança;
- Nunca diga 'pare', 'pense', 'respire' ou 'calma'. A criança não está nervosa, está gaguejando;
- Não interrompa a fala da criança;
- Fale em uma velocidade confortável;
- Fale de forma mais pausada;
- Reduza o número de perguntas;
- Olhe nos olhos da criança, quando ela estiver falando;
- Balance a cabeça para indicar que está compreendendo o que ela está falando;
- Tenha um tempo a sós com o filho para que ele tenha tempo para contar tudo o que quiser.

De acordo com Daniela Verônica Zackiewicz os professores também interferem diretamente na evolução do tratamento da criança: "ele é um importante aliado. É uma pessoa chave para detectar o problema, além de ser também o responsável pelo suporte nas atividades escolares e na integração do aluno com os colegas."

Na escola:

- Estabeleça um contato freqüente com a família para saber sobre o desempenho da fala da criança em casa;
- Adote uma postura de acolhimento, que não é ter dó, mas compreender;
- Não peça para a criança falar desta ou daquela maneira;
- Traga para a turma a questão da gagueira. Explique que a criança que gagueja não é diferente de ninguém;
- Compreenda que gagueira não tem nada a ver com inteligência. Cobrar da criança que gagueja o mesmo que cobra das outras crianças, com exceção da fala, é claro.
- Perceba os dias mais fáceis e os mais difíceis da criança e procure não expô-la, respeitando os dias mais difíceis;
- Estabeleça uma dinâmica de leituras em duplas ou coletivas;
- Em atividades pré-escolares, nunca deixe a criança para o final da brincadeira, porque esta atitude pode aumentar a ansiedade ou o medo.



■

"Os pais devem propiciar um ambiente com condições para uma boa comunicação. Trata-se de uma questão de saber ouvir e respeitar a vez do outro falar. É um treino também para os pais".

Daniela Verônica Zackiewicz

■

Gagueira e comunicação

O ator Marcelo Médici, 34 anos, 25 espetáculos encenados, vivenciou na novela *Belíssima*, um personagem que gaguejava. Ele disse que sentiu na pele muitas das dificuldades pelas quais passam as pessoas que gaguejam. Em entrevista exclusiva para a Revista da Fonoaudiologia, falou um pouco de sua experiência.

"Alguns colegas do elenco pediram que eu gaguejasse menos e algumas pessoas nas ruas me disseram coisas do tipo: 'eu fico aflita quando você gagueja', ou 'um moço tão bonito gaguejando...'", conta Marcelo. Essas frases demonstravam a impaciência das pessoas para com a gagueira.

Marcelo acredita que a repercussão da novela foi enorme porque fugiu do estereótipo do "gago engraçado", do "gago atrapalhado", ou do "gago inseguro".

Depois de um tempo, o distúrbio do personagem acabou se tornando algo que as pessoas assimilaram como uma característica do Fladson. "Foi muito bom fazer com que aquelas mesmas pessoas que pediram para eu gaguejar menos, percebessem que todo ser humano tem características próprias", observa. "No final da novela, elas até ficavam bravas quando a D. Tosca (Jussara Freire) repreendia de maneira ríspida a gagueira do filho", pontua Marcelo.

O charmoso Fladson

Ele era um bom amigo, um bom filho, enfrentava os problemas e também gaguejava. O personagem era do núcleo de humor, mas em nenhum momento a gagueira foi colocada como motivo de chacota. A mãe do personagem não tinha muita sensibilidade e se afligia com o problema do filho. Ele também demorou a conseguir a primeira namorada, mostrando que a gagueira causa exclusão social. E isso ficou bem claro na novela, ressalta o ator.

"Acho realmente que a sensibilidade do autor, Sílvio de Abreu e o cuidado da Denise Saraceni, diretora geral, fizeram com que a gagueira do Fladson fosse colocada de forma muito acertada. Ele apareceu de maneira simpática e não como um personagem absolutamente deprimido, sem auto-estima e com pena de si mesmo como em geral as pessoas pensam", diz o ator.

O personagem, apesar de "engraçado", passou uma imagem positiva e fez com que a atenção estivesse voltada para a gagueira de forma séria. Quem gagueja é tão ou mais capacitado que qualquer pessoa que não gagueja.

A campanha

Marcelo ajudou na Campanha de 2005. "Fiz algumas matérias,

entre elas uma muito bonita e esclarecedora com as fonos Ignês Maia Ribeiro e Sandra Merlo, para o *Vídeoshow*, da tevê Globo", conta. Nas entrevistas "eu sempre indiquei a Abra Gagueira e o Cefac. Era o mínimo que eu podia fazer", ressalta.

"O livro *'Sobre a Gagueira'*, de Anelise Bohnen, que ganhei de presente da Ignês", diz Marcelo, "foi de grande ajuda para entender melhor esse distúrbio". E reforça: "estou à disposição para ajudar na Campanha e sou totalmente solidário à causa: afinal, gagueira não tem graça, tem tratamento".

Educação

Marcelo ressalta que a Gagueira deveria ser abordada em escolas públicas. "A informação apareceria em um local onde a criança com este distúrbio se sentiria amparada e não discriminada. Para isso seria necessária uma atenção maior da Prefeitura, do Governo, do Estado. Quanto mais as pessoas tiverem consciência que a gagueira tem tratamento, mais fácil para quem sofre de gagueira perceber que isso pode ser resolvido", ensina. E dá seu recado: "espero que vocês, fonoaudiólogos, tenham noção do quanto o trabalho de vocês é bonito e necessário. Para nós, atores, para os que gaguejam, para todos os que necessitam se comunicar, ou seja, todo mundo, literalmente".

"Estou à disposição para ajudar na Campanha e sou totalmente solidário à causa: afinal, gagueira não tem graça, tem tratamento".

Marcelo Médici, ator.



Perfil do Fonoaudiólogo

Se você ainda não respondeu ao questionário do Perfil do Fonoaudiólogo, encartado na edição número 68 desta revista, pode fazê-lo até o dia **15/10/06**, pelo correio – com o uso do envelope-resposta, por fax ou pela Internet (www.fonosp.org.br). Através das informações fornecidas por você, relativas à sua formação, local de trabalho, área de atuação, constituição de sua clientela, entre outras, o CRFa. 2ª Região pretende reunir subsídios para melhor direcionar ações voltadas ao crescimento da Fonoaudiologia, e sugerir mudanças na legislação que beneficiem os fonoaudiólogos. Por isso, sua participação é imprescindível.



GAGUEIRA NÃO TEM GRAÇA. TEM TRATAMENTO.

Na semana de 16 a 22 de outubro,
o CEFAC, a ABRA GAGUEIRA, o HSPE e o IBF

realizarão eventos de esclarecimento à população. Participe!

O dia 22 de outubro é o "Dia Internacional de Atenção à Gagueira". Em 2005, pela primeira vez, houve uma campanha abrangendo todo o território brasileiro e o tema foi "Tratamentos para a Gagueira". Neste ano de 2006, a Campanha Nacional prossegue e o tema é "Causas da Gagueira".

Muito se fala sobre as causas da gagueira. Você sabe dizer se a gagueira é causada:

- Por um susto?
- Pelo nervosismo?
- Por imitação?
- Pela ansiedade?
- Por traumas ou problemas psicológicos?
- Pelo excesso de cobrança e repreensão dos pais?
- Pela hereditariedade?
- Por um mal funcionamento do cérebro?

Existem diversas teorias que procuram explicar as causas da gagueira. Atualmente, o mais aceito na comunidade científica mundial é que a gagueira seja causada pelo mal funcionamento de algumas áreas do cérebro respon-

sáveis pela fala, resultante de uma tendência hereditária ou de uma alteração estrutural do cérebro; os fatores psicológicos e os sociais podem agravar a manifestação da gagueira, mas não seriam sua causa. Os sintomas típicos da gagueira seriam a parte mais visível desta complexa interação entre fatores. Entretanto, também existem outros sintomas bem menos visíveis para a sociedade, mas igualmente importantes para a pessoa que gagueja: o sofrimento e a frustração por não conseguir falar fluentemente, o medo e a vergonha de gaguejar em determinadas situações. E, além disso, a pessoa que gagueja também precisa lidar com o preconceito e o estigma social.

Apesar de haver várias teorias diferentes sobre as causas da gagueira, todas concordam em um ponto: a gagueira é involuntária. Isto quer dizer que a pessoa que gagueja não consegue evitar a ocorrência da gagueira e, por mais que se esforce, não consegue ter controle absoluto sobre sua fala. Por isso, para superar a gagueira, não basta ter força de vontade, ficar calmo, respirar ou pensar antes de falar. É necessário um tratamento personalizado com fonoaudiólogos especializados em gagueira.

Na semana de 15 a 22 de outubro, estão programados diversos eventos em todo o Brasil para comemorar o "Dia Internacional de Atenção à Gagueira". Informe-se sobre os eventos na sua cidade!

Outras informações:

CEFAC - Educação e Saúde: www.cefac.br

ABRA GAGUEIRA - Associação Brasileira de Gagueira: www.abragagueira.org.br

HSPE - Hospital do Servidor Público Estadual: www.iamspe.sp.gov.br

IBF - Instituto Brasileiro de Fluência: www.gagueira.org.br

Comissão Organizadora

Ignês Maia Ribeiro
(ignes@uol.com.br)
Eliana Maria Nigro Rocha
(eliananigrorocha@uol.com.br)
Sandra Merlo
(sgmerlo@yahoo.com.br)
Daniela Verônica Zackiewicz
(daniela.veronica@itelefonica.com.br)

Informações:

www.cefac.br - www.abragagueira.org.br - www.iamspe.sp.gov.br

